

OS LUSÍADAS

na escola e na sociedade
450 anos

COORDENAÇÃO

Maria do Céu Fraga

Rui Tavares de Faria

Madalena Teixeira da Silva



Centro de
Estudos
Humanísticos

Título

Os Lusíadas na escola e na sociedade. 450 anos

Coordenação

Maria do Céu Fraga | Rui Tavares de Faria | Madalena Teixeira da Silva

Prefácio

José Augusto Cardoso Bernardes

Apoio



GOVERNO
DOS AÇORES

Capa

Ana Teresa
anateresa.co

Edição

© Letras Lavadas edições

Centro de Estudos Humanísticos da Universidade dos Açores

Ponta Delgada, Janeiro de 2024

Paginação, Arranjo e Execução Gráfica

Nova Gráfica, Lda. - Ponta Delgada

Depósito Legal: 524419/23

ISBN: 978-989-735-497-7

PUBLIÇOR – Publicações e Publicidade, Lda.

Rua da Praia dos Santos n.º 10 – S. Roque

9500-706 Ponta Delgada

Telefone 296 630 080 | Fax 296 630 089

E-mail: publicor@publicor.pt | www.publicor.pt

© Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa.

A CAMONIANA DE JOSÉ DO CANTO, «JUSTA GRINALDA EM LOUVOR DO POETA»

Maria do Céu Fraga

Universidade dos Açores

Centro de Estudos Humanísticos

Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra

Entre muitos outros tesouros, a Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada alberga um fundo camoniano excepcional, que, na apreciação do seu coleccionador, José do Canto, representa uma *justa grinalda em louvor do Poeta*.

Nestas palavras, movidas pela satisfação de quem sabe a importância e o valor da sua colecção e quer sublinhar o seu valor simbólico, transparece o patriotismo esclarecido de José do Canto e a admiração, diríamos até o reconhecimento, por Luís de Camões. Com efeito, se já o interesse pelo livro antigo mostrava a intenção de coligir documentos de interesse histórico em que de alguma maneira se pudesse rever Portugal, a decisão de constituir uma camoniana representa uma escolha que a própria época justifica e torna quase espontânea e natural.

Pela interpretação épica que propunham da História de Portugal e pelo seu significado literário, *Os Lusíadas*, publicados em 1572, cedo se tornaram uma obra simbólica; depois, no século XIX, a geração liberal-romântica consagrou em Camões o herói que, como ela própria, agia movido pelo sentimento e pelo patriotismo. Sobre o final desse século, em 1880, as comemorações do tricentenário da morte do poeta foram o culminar de um interesse que se ia acrescentando com

* Este estudo teve na origem directa um texto para divulgação da Biblioteca Camoniana de José do Canto, feito por solicitação da BPARPD, que é agora desenvolvido e anotado.

a descoberta de poemas esquecidos em manuscritos e cancioneiros que o desmembramento das bibliotecas conventuais e de grandes casas senhoriais dava a conhecer. A biografia do poeta reconstruía-se, e a sua poesia lírica, as cartas e as peças de teatro que escreveu interpretavam-se de forma mais ou menos certa ou abusiva, como hoje aliás, numa tentativa de suprir lacunas que a documentação não podia preencher.

Celebrado um pouco por todo o país, o Tricentenário deu ocasião a tornar Camões familiar aos portugueses. Houve palestras, artigos de divulgação nos jornais, saraus músico-literários a que acorria uma burguesia culta e patriótica, monárquica ou republicana, e festejos populares em que não se poupavam luminárias e roqueiras. Simbolicamente, tomavam forma os mais diversos objectos que difundiam a imagem de Camões e da sua obra (sobretudo, de *Os Lusíadas*): gravuras, pratos, lenços, delicados artefactos dos mais variados materiais ou simples caixas de fósforos, acolhiam a imaginação dos portugueses.

Numa esfera diferente, mas relacionando-se com ela, nesta época iam saindo dos prelos volumes requintados e artisticamente trabalhados das obras camonianas e, a par, edições populares dos seus poemas¹, enquanto se discutia a constituição do *corpus* da lírica de Camões: que poemas, de entre aqueles inéditos anónimos que se iam descobrindo com entusiasmo, pertenceriam ao seu engenho? Quais os que, acrescentados entre os séculos XVI e XIX às *Rimas* de 1595, deveriam ser rejeitados? Examinavam-se diferentes exemplares de *Os Lusíadas*, datados de 1572, e encontravam-se diferenças nas portadas e no texto: qual seria de facto a edição original e a clandestina? Quantas edições teria conhecido a epopeia em que simbolicamente se reviam os portugueses? Qual seria a lição textual autêntica?

Neste ambiente em que se despertava um autêntico «culto camoniano» facilmente se compreende que o livro fosse um objecto procurado. Possuir livros antigos das obras de Camões, conseguir refazer a história da edição de *Os Lusíadas* ou das *Rimas* através da posse de exemplares de cada uma delas tornava-se um sonho a que se aliavam, sob a égide de um patriotismo esclarecido, a cultura e um forte gosto pelo coleccionismo, muito em voga no século.

¹ Vejam-se os estudos incluídos no volume colectivo *Camões nos Prelos da Europa*, coordenado por José Augusto Cardoso Bernardes.

José do Canto (1820-1898) inflamou-se no culto camoniano que foi bem vivo nos Açores. Naturalmente, para ele, celebrar Camões não foi participar no espírito revolucionário, republicano, que dominou. Pertencente a uma família da elite social e ilustrada que o liberalismo promoveu em S. Miguel, representa um certo tipo de homem culto e cosmopolita da época, que ao curso universitário preferiu a abastança rural que o casamento veio a reforçar, e a cultura que o convívio social e as viagens lhe poderiam proporcionar.

E se a paisagem da sua ilha ainda hoje está marcada pelo requinte com que conciliou a beleza com interesses técnico-científicos e pragmáticos², também na cultura José do Canto foi orientado por um inegável bom gosto, que se reflectiu tanto no convívio e na protecção mecénica de alguns dos principais literatos da época³, como numa atividade bibliófila esclarecida.

Nele, cruzam-se o gosto pelas letras, de uma forma geral, e a crença no poder da instrução para elevar o homem e a sociedade – ideias que eram também caras a António Feliciano de Castilho, que, residindo nos Açores entre 1847 e 1849, e tendo sido bem acolhido pela família Canto, exerceu uma influência que perdurou em quem com ele conviveu e, de uma forma mais geral, na cultura da ilha.

O século XIX é, na cultura portuguesa, um século camoniano, no campo das letras como no das artes e na sociedade em geral. Nas letras, o romantismo eclode sob a sombra tutelar do *Camões* de Almeida Garrett, publicado em 1825. A sensibilidade da geração romântico-liberal, prolongando o interesse despertado pela obra camoniana nos séculos anteriores, elegera o vate como símbolo do herói incompreendido que se sacrifica pela pátria e que, apesar da ingratidão dos contemporâneos, não vacila nos seus ideais e compõe *Os Lusíadas*. E se a tentativa, ideada por Castilho, de dedicar à sua memória uns «campos elíseos» em Lisboa, foi abandonada, a ideia de lhe erigir um monumento através de subscrição pública vingou, pelo que a estátua foi inaugurada em 1867,

² Cf. o artigo de Carlos Riley apresentado em AaVv (2000), *José do Canto no Centenário da Sua Morte*.

³ António Feliciano de Castilho é o exemplo paradigmático desse interesse e protecção (cf. Maria do Céu Fraga, «José do Canto: o fascínio de Camões»).

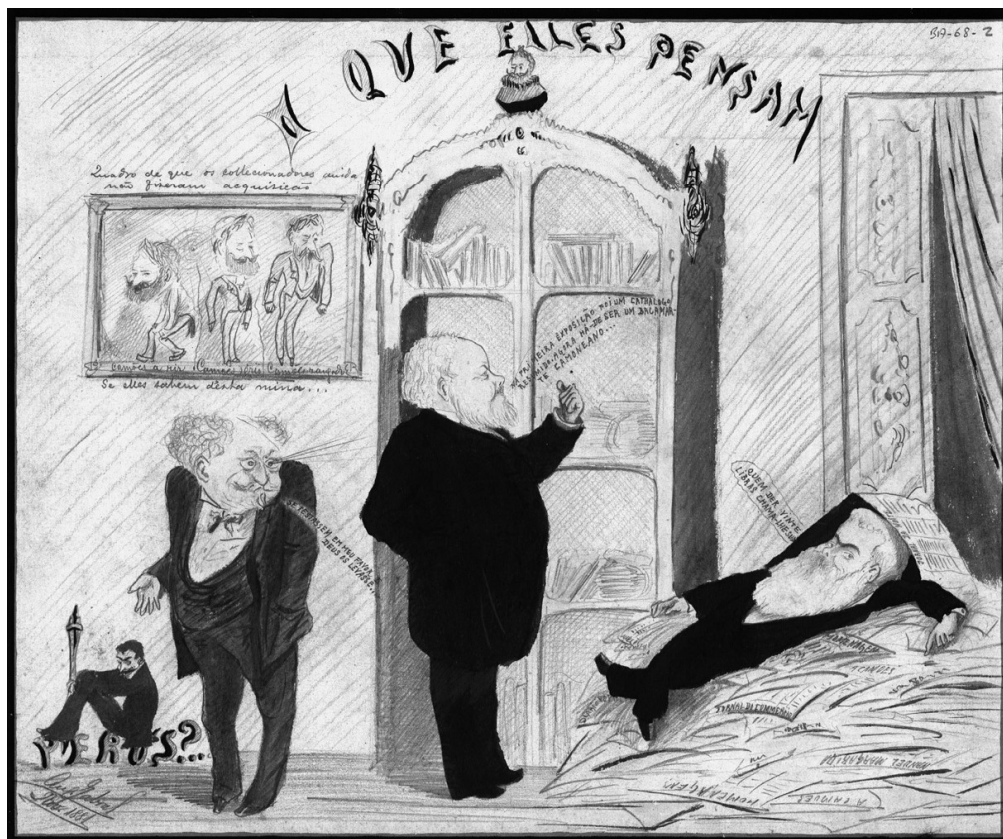
cinco anos depois de ter sido lançada a primeira pedra na Praça do Loreto, hoje Praça Camões⁴.

As comemorações do Tricentenário da morte de Camões ocorreram em todo o país, envolvendo a população das mais diversas maneiras. Ponta Delgada empenhou-se com ardor na celebração da efeméride, fosse por influência directa do núcleo republicano que Francisco Maria Supico dinamizava na imprensa, em estreita articulação com a comissão nacional, fosse pela participação nas iniciativas empreendidas pela Sociedade Amizade de Recreio e Instrução, ou pelos alunos do Liceu, que tinham na altura um peso forte na animação cultural da cidade, ou por outras associações criadas na altura⁵. À época, em S. Miguel, estavam já a constituir-se verdadeiras colecções camonianas, marcando assim o interesse que as comemorações nacionais geravam; cada vapor que entrava no porto de Ponta Delgada, vindo da Europa ou do Brasil, trazia consigo notícias, jornais e informações que eram avidamente recolhidos por Francisco Maria Supico, proprietário e redactor de *A Persuasão*, republicano, responsável também pela difusão das notícias das comemorações do Tricentenário, e por José Afonso Botelho de Andrade, que ia coleccionando monografias, pautas musicais, publicações periódicas, prospectos e objectos que davam conta das comemorações e dos programas estabelecidos⁶. A azáfama não passava despercebida na sociedade micaelense.

⁴ A título de curiosidade, e porque dá bem conta do alcance da iniciativa, lembre-se que Antero de Quental, então jovem, planeou com o terceirense Alberto Teles de Utra Machado, seu colega de estudos, a organização de uma antologia de poesia açoriana cuja receita fariam reverter para o monumento.

⁵ Destes festejos nos Açores encontram-se notícias pormenorizadas na imprensa local da época, e num resumo feito por Botelho de Andrade, que veio a ser compilado nos *Arquivo dos Açores*. O estudo de Maria Isabel João (2011) motivado pela exposição «Sínteses Afectivas. Teófilo Braga e os centenários», realizada em Ponta Delgada, aborda também os festejos nos Açores, apresentando uma recapitulação comentada e bem informada.

⁶ Esta colecção foi adquirida pela Biblioteca Pública de Ponta Delgada, por iniciativa do seu então director e também ele camonista, José de Almeida Pavão, na década de 80. E se o catálogo da Biblioteca permite recuperar os seus títulos, encontra-se um registo mais desenvolvido, organizado pelo próprio proprietário na «Bibliografia camoniana nos Açores» publicada nos *Arquivos do Açores* entre 1879 e 1884.



Os três colecionadores, na caricatura de Augusto Cabral, que, segundo o seu hábito, se representa também a si ao assinar.⁷

Os alunos do Liceu tinham na altura um peso fortíssimo na animação cultural da cidade; foram eles quem, sabedores da riqueza da biblioteca de José do Canto e do fundo de livro antigo que possuía e certos do oportunidade da iniciativa, lhe pediram para organizar uma exposição de alguns livros com interesse camoniano. Com efeito, José do Canto entregara-se com paixão à procura do livro antigo e raro, privilegiando as publicações que lhe davam a possibilidade de, simbolicamente, ter nas mãos um mundo e uma época cuja grandeza histórica e cultural admirava.

José do Canto acedeu, seleccionou das suas estantes cerca de duas centenas de volumes, orientou a exposição e, com primores tipográficos, organizou o catálogo respectivo, assinando-se como «um devoto

⁷ Caricatura que figurou na exposição «*Os Lusíadas* nos Açores. 450 anos». Reprodução amavelmente cedida pela Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.

admirador de suas [de Camões] gloriosas e immortaes obras»⁸. Nessa mostra, os primeiros versos publicados por Camões, ainda em Goa, ou seja, a Ode ao Conde de Redondo, D. Francisco Coutinho, poderiam ler-se no original, num dos mais raros livros portugueses do século XVI: os *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*, do médico Garcia de Orta. Próximo, expunha-se um exemplar elegante da primeira edição das *Rimas*, na extravagante ortografia de 1595, *Rhythmas*. Faltavam ainda as edições mais antigas entre os 84 exemplares da epopeia apresentados, mas, em compensação, viam-se as de 1584, vulgarmente conhecida por «dos piscos», e a de 1591. Nas traduções, contava-se já a castelhana de Benito Caldera, de 1580. As edições mais recentes, do próprio ano de 1880, ombreavam com dezenas de outras mais antigas e com obras de crítica literária, biografias e peças criativas que tomavam Camões como personagem principal.

A exposição foi, segundo os relatos da imprensa da época, muito concorrida e admirada⁹. E terá sido essa recepção positiva que levou José do Canto, bibliófilo bem relacionado nos círculos nacionais e estrangeiros e bem aconselhado, culto e com largueza financeira, a reorientar a sua actividade. Segundo narra, apercebeu-se então de que, entre a sua já valiosa biblioteca de livro antigo, existia um conjunto de livros que poderia representar uma primeira pedra na constituição de uma camoniana. E foi esse o rumo que seguiu. «Camoniana» era, à época de José do Canto, um neologismo cuja paternidade Joaquim de Araújo atribuiu a José Gomes Monteiro¹⁰. E naquele tempo, entre gente de cultura, um neologismo só se formava se preenchesse algumas condições, num processo que a tradição firmara ao menos desde Horácio. Dois requisitos se afiguravam essenciais no julgamento: em primeiro lugar, exigia-se que o novo termo estivesse bem cunhado, etimologicamente bem formado e que se integrasse com naturalidade

⁸ *Centenario de Camões. Catalogo resumido d'uma collecção camoneana exposta na Bibliotheca Publica de Ponta Delgada, por ocasião d'esta solemnidade nacional.*

⁹ A título de exemplo, vejam-se o *Diário dos Açores* nº1800, de 15 de Junho de 1880, e *A Persuasão* nº 1961, do dia seguinte.

¹⁰ Em carta de 28 de Agosto de 1896 a José do Canto, Joaquim de Araújo, que trabalhava então na actualização do *Dicionário Prosódico* de João de Deus, procura a autoridade do seu correspondente para se certificar desta atribuição.

nos hábitos linguísticos do Português, em segundo, impunha-se que esse termo fosse uma palavra realmente necessária, uma palavra de que se sentisse a falta, isto é, que designasse uma realidade nova, a que não coubesse um nome na nossa língua. Ora, de facto, no século XIX, tornara-se necessário designar um conjunto de livros, uma biblioteca – ou livraria, como era uso dizer-se – que tomasse Camões e a sua obra como pólo agregador; e, por isso, vingou na língua o uso de «camoniana» como substantivo.

A partir de 1880, portanto, José do Canto empenhou-se na constituição de uma valiosíssima camoniana. O catálogo que organiza e publica em 1895 sob o título *Collecção Camoneana de José do Canto. Tentativa de um catalogo methodico e remissivo* mostra bem, nas suas mais de 4000 entradas, a riqueza do conjunto em que sobressaem as edições da obra de Camões e as traduções mas, ao mesmo tempo, demonstra a cultura e erudição do proprietário que, escrevendo com elegância e fundo patriotismo, apresenta cada espécie apontada, demorando-se por vezes na apreciação, oportuna e informada, sobre as edições e a história da imprensa em Portugal, a biografia de Camões ou algum passo da obra que procura interpretar, ou discutindo fundamentadamente a atribuição de alguns poemas. Saudando a publicação, a Academia das Ciências, por unanimidade, admitiu o ilustre micalense como sócio correspondente.

Quando organizou o catálogo, o bibliófilo ateu-se aos livros que «tinha em casa, à mão» e que apresentam os poemas, épico e líricos, as cartas ou os autos de Camões, e aos que falam sobre a sua obra. Excluiu, portanto, livros, que possuía também, de autores coevos de Camões e outros que, antecedendo-o, sobre ele tiveram influência decisiva. Como fica bem claro até nas exposições que a Biblioteca Pública de Ponta Delgada tem promovido e nos respectivos catálogos, a livraria de José do Canto dá-nos também a possibilidade de *viver* a época de Camões, conhecer os livros, de poesia ou ficção, mas também de história e ciência ou obras de filosofia, teologia e espiritualidade, lidos naquele tempo e de que provavelmente teve conhecimento, que talvez até manuseou e com que formou a imensa cultura de que dá provas na sua obra, épica ou lírica.

O Catálogo da camoniana distribui as suas entradas por onze secções, e assim coloca logo à cabeça as duas áreas que o seu possuidor considera, com justa razão, «o fundo sólido» da colecção: as edições e

as traduções – e diga-se que à data, e durante longos anos, se viu nas bibliotecas particulares de José do Canto e de Carvalho Monteiro as mais ricas e completas reconstituições da história da edição da obra camoniana. José do Canto conhecia cada um dos exemplares que enumera, tem opinião sobre eles e sabe integrá-los numa biblioteca em que as aquisições não foram deixadas ao acaso. Orientemo-nos, pois, pelo seu Catálogo, para percorrermos algumas prateleiras da sua magnífica camoniana.

A primeira secção apresenta, por ordem cronológica de publicação, 166 edições portuguesas, totais ou parciais, das obras de Luís de Camões. Já aí se encontra um exemplar de 1572 de *Os Lusíadas*, que José do Canto julgava, ao sabor da época, ser de uma edição clandestina (*E*), que continua hoje a discutir-se se não pertencerá, como os exemplares *Ee*, a uma única primeira edição; a história da publicação da lírica pode seguir-se ao longo dos vários séculos, numa sequência que integra praticamente todas as edições, do século XVI até à época do próprio José do Canto, e até um exemplar da edição das *Rimas* de 1614, e de outras também raras; entre as edições do teatro, que, como as cartas, é normalmente incluído nas *Rimas*, estão os folhetos de 1615 dos autos do *Filodemo* e dos *Enfitriões*. A secção seguinte contempla as versões, que começam logo com as três edições castelhanas do próprio século XVI, e que, na sua variedade de línguas e antiguidade, constituem um pólo importantíssimo desta colecção.

Vêm depois as biografias, que se foram traçando desde muito cedo, misturando a pouca documentação existente com bastante imaginação. Muito típico da época de José do Canto, o encanto pelo enigma da gruta de Macau agrega um número significativo de publicações, a traduzir o misterioso apelo do Oriente e dum passo da vida de Camões que desperta ainda hoje a imaginação. «Bibliografia», «crítica, comentários, apreciações, polémica, etc.» ocupam a secção seguinte, cedendo logo passagem a «poesias encomiásticas e obras de ficção em prosa», «transcrições».

Finalmente, «comemorações, etc., monumento» completam as «publicações periódicas camonianas» e dão conta das celebrações do Tricentenário, numa das mais bem informadas secções da livraria de José do Canto. A versatilidade do bibliófilo era grande. A profusão de objectos relacionados com as comemorações do Tricentenário atraiu-o e disso dá também conta o Catálogo. Quando os enumera, José do Canto diz,

com franqueza, ter sido despertado por uma competição saudável, feita de rivalidade mas também de cumplicidade, estabelecido com outros açorianos, também eles «devotos» de Camões e coleccionadores. Graças a ela, recolheu peças verdadeiramente surpreendentes. E se é emblemático o retrato de Camões pormenorizadamente recortado em papel que herdou de seu pai e reproduziu na folha de guarda do *Catálogo* da colecção¹¹, também alguns outros artefactos representam bem a sua época.

A publicação do *Catálogo*, note-se, não marcou o fim da actividade camoniana de José do Canto. As aquisições abrandam, mas a correspondência que troca posteriormente, em particular com Joaquim de Araújo, o malgrado poeta e diplomata, fundador do *Círculo Camoniano* e também ele bibliófilo, demonstra bem o interesse em ter notícia sobre as publicações desconhecidas, portuguesas e estrangeiras, com interesse camoniano. No fundo, neste «culto camoniano», que levou José do Canto a preencher horas de solidão¹² num trabalho metódico de reflexão, e lhe deu a alegria da descoberta do livro ambicionado e do seu estudo, transparece o sentimento convicto de um liberal, patriota e ilustrado, que, ao reconstituir a fortuna da obra camoniana, vai fortalecendo também uma ideia que lhe é grata e anima a sua confiança no país: «Portugal nunca esqueceu Camões!»

O destino dos seus livros, e em particular o da camoniana, preocupou sempre José do Canto, que incluiu no testamento uma disposição a impedir a sua dispersão, ao mesmo tempo que os lançava na terça, garantindo assim a sua boa conservação material. Esperava-se que os legasse à Biblioteca Pública, que tivera no Morgado Caetano, o seu pai, um dos fundadores mais convictos e à qual os seus irmãos, Ernesto e Eugénio do Canto, legaram a suas importantes bibliotecas. Assim não aconteceu, no entanto, e só em 1945, anos depois da morte da última filha de José do Canto, os herdeiros propuseram à Junta Geral

¹¹ Este retrato foi objecto de estudo de Pedro Pascoal de Melo («As artes na Biblioteca de José do Canto: o caso do retrato de Camões em papel recortado por António Boaventura Evaristo do Rego», in Carlos Riley e Iva Matos Cogumbreiro, org., 2021, pp. 127-134).

¹² A divisa adoptada por José do Canto – *Studium unicum doloris lenimentum* – quadra bem ao estado de ânimo que foi o dos últimos anos de vida, e que a melancolia da dedicatória que apôs no exemplar do *Catálogo* oferecido a seu irmão Ernesto ilustra.

do Distrito Autónomo de Ponta Delgada a venda da livraria do avô, bem como das respectivas estantes.

O dr. João Simas era o director da Biblioteca Pública, e coube-lhe presidir à Comissão que, nomeada pela Junta Geral, avaliou e recomendou a compra da livraria¹³. O «Parecer» que a comissão produz e apresenta em 1945 mostra bem a consciência do incalculável valor patrimonial da colecção e, conseqüentemente, o empenho na sua aquisição e manutenção nos Açores («título de orgulho do nosso património espiritual [...] Seria pena, e até vergonha, deixá-la dispersar ou sair desta ilha», lê-se nas conclusões, p. 87)¹⁴.

Coube-lhe também acompanhar o transporte da biblioteca, e conta emocionado como, ao longo de meses, de Junho a Setembro de 1946, viu os livros devidamente empacotados e as estantes, que foram também adquiridas, saírem do solar dos Cantos e darem entrada no antigo convento de Nossa Senhora da Graça, onde estava então instalada a Biblioteca da cidade. E podemos bem calcular a emoção com que separou oito livros e manuscritos que considerou emblemáticos dos interesses de José do Canto e da riqueza da sua livraria, exemplares que, pelo significado que tomam na história e na cultura portuguesa, lhe mereceram uma atenção especial: embalou-os à parte e levou-os ele mesmo numa vivida «viagem sentimental» entre o solar da família Canto e o antigo convento, em que entrou pela porta central, como convinha ao simbolismo e à gravidade do momento que se vivia em Ponta Delgada e que tantas obrigações deve inspirar aos seus cidadãos. Entre eles, contavam-se *Os Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*, *Os Lusíadas* e as *Rimas* de Camões, flores da «grinalda» que José do Canto tecera em honra do Poeta.

¹³ A comissão era formada por personalidades da vida cultural e cívica micaelense, integrando, além de João Simas, Francisco Carreiro da Costa, Rodrigo Rodrigues, Humberto Medeiros e Câmara, José Bruno Carreiro. O «Parecer» publicou-se na revista *Insulana* sob o título «A livraria José do Canto», em 1946.

¹⁴ Encontra-se a reconstituição do longo processo de aquisição e mudança dos livros para o antigo Convento da Graça no estudo de Catarina Teixeira Pereira «A incorporação da biblioteca particular de José do Canto na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada» (Carlos Riley e Iva Matos Cogumbreiro, org. (2021), *A Biblioteca de José do Canto. Um homem ao espelho dos seus livros e manuscritos*, pp. 43-59).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AaVv (2000), *José do Canto no Centenário da Sua Morte*. Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada.
- Andrade, José Afonso Botelho, «Bibliografia camoniana nos Açores», *Arquivo dos Açores*, vol. III, pp. 141-66; 301-18, 377-95 e 460-76; vol. IV, pp. 333-42 e col. V, pp. 388-95.
- Bernardes, José Augusto Cardoso, coord. (2015), *A Biblioteca Camoniana de D. Manuel II. Camões nos Prelos de Portugal e da Europa (1563-2000)*, Coimbra, Imprensa da Universidade / Fundação da Casa de Bragança.
- Canto, José (1895), *Colecção Camoniana. Tentativa de um catalogo methodico e remissivo*, Lisboa, Imprensa Nacional (há ed. fac-similada, promovida pela Comissão Nacional do IV Centenário da Publicação de *Os Lusíadas*, Lisboa, INCM, 1972).
- Canto, José do (1880), *Centenario de Camões. Catalogo resumido d' uma collecção camoneana exposta na Bibliotheca Publica de Ponta Delgada, por occasião d' esta solemnidade nacional*, São Miguel, Typ. do Archivo dos Açores.
- Fraga, Maria do Céu (2000), «José do Canto: o fascínio de Camões», AaVv (2000), *José do Canto no Centenário da Sua Morte*, pp. 179-83.
- João, Maria Isabel (2011), «Tricentenário da morte de Camões», in *Sínteses Afectivas. Teófilo Braga e os Centenários. Catálogo*, Ponta Delgada, Governo dos Açores – Direcção Regional da Cultura – Biblioteca Pública de Ponta Delgada.
- Riley, Carlos e, Iva M. Cogumbreiro, org. (2021), *A Biblioteca de José do Canto. Um homem ao espelho dos seus livros e manuscritos*, Secretaria Regional da Cultura, Ciência e Transição Digital.
- Simas, João et al. (1946), «A livraria José do Canto. Parecer da Comissão nomeada pela Ex.ma Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada», *Insulana*, vol. II, pp. 44-87.

ÍNDICE

Nota de apresentação.....	3
Prefácio – <i>Os Lusíadas</i> (ainda) hoje	
José Augusto Cardoso Bernardes	5
 I – OS LUSÍADAS: A INTERPRETAÇÃO	
Revisitar <i>Os Lusíadas</i> por mão de Virgílio	
Carlos Ascenso André	17
«A verdade que eu conto, nua e pura»: presença dos clássicos greco-latinos em Camões	
Maria Cristina Pimentel	35
A poesia ao serviço da imortalização dos feitos humanos: Cícero e Camões em diálogo	
Rui Tavares de Faria	51
O título e a introdução de <i>Os Lusíadas</i> na hermenêutica do poema	
Hélio J. S. Alves	61
Vénus: deusa e planeta n' <i>Os Lusíadas</i>	
Carlota Simões e Carlos Santos.....	73
 II – OS LUSÍADAS: NA ESCOLA	
O ensino de <i>Os Lusíadas</i>: uma missão na era digital?	
João Manuel Avelar	89
<i>Os Lusíadas</i> no quadro de uma nova ecologia do heroísmo	
Graça Meneses	99

«Vil metal luzente e loiro». Considerações do Poeta sobre o poder corruptor do dinheiro (Canto VIII – Estâncias 96 a 99)	
Maria João Machado Ruivo Amaral Sousa	111
<i>Os Lusíadas</i> de Camões e Memorial do Convento de Saramago: crónicas do infortúnio	
Maria João Bettencourt.....	121
O ensino de <i>Os Lusíadas</i> entre 1895 e 1974: encontros e desencontros	
João Manuel Tavares da Costa	131
Um poema para todos. O lugar das adaptações de <i>Os Lusíadas</i> na escola	
Rui Manuel Afonso Mateus.....	159
III – OS LUSÍADAS: NA SOCIEDADE	
A minha descoberta de <i>Os Lusíadas</i>	
João Bosco Mota Amaral.....	187
Estudar Camões – em dois tempos	
Rosa Maria Goulart.....	193
A Camoniana de D. Manuel II no Museu-Biblioteca da Casa de Bragança	
Maria de Jesus Monge.....	199
A Camoniana de José do Canto, «justa grinalda em louvor do Poeta»	
Maria do Céu Fraga.....	209